

A MÚSICA COMO FORMA DE EXPRESSÃO E MANIFESTAÇÃO CONTRA A DITADURA CIVIL-MILITAR NO BRASIL

MUSIC AS A FORM OF EXPRESSION AND MANIFESTATION AGAINST THE MILITARY DICTATORSHIP IN BRAZIL

Cyndy Nathana Melo de Souza¹

Elcio Gomes de Araújo²

Uizenairian Rodrigues da Rocha³

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo analisar a importância da música, como forma de expressão e manifestação contra o período da Ditadura Civil-Militar, instaurada no Brasil durante os anos de 1964 a 1985. Apesar da censura, exílio, prisões, torturas e mortes, os artistas brasileiros se recusaram a ficar em silêncio e usaram a música como uma das principais ferramentas para combater a ideologia do sistema imposto. Mesmo que para isso tivessem que usar da criatividade e, através de códigos e metáforas, transmitir ao público suas ideias e opiniões. Este trabalho utiliza músicas escritas por cantores da época como Chico Buarque, Gilberto Gil, Caetano Veloso e outros, com o intuito de fazer uma análise referente às mensagens “secretas” presentes em suas obras. Nosso referencial teórico inclui os escritos de Goulart (2013), Ferrari (2009), Garcia (1982), entre outros autores que possuem como objeto de estudo as músicas como forma de expressão e manifestação contra a ditadura militar no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Música; Ditadura; Brasil.

ABSTRACT

This article aims to analyze the importance of music as a form of expression and manifestation against the period of the Civil-Military Dictatorship, established in Brazil during the years 1964 to 1985. Despite censorship, exile, arrests, torture and deaths, Brazilian artists refused to stay silently and used music as one of the main tools to combat the ideology of the tax system. Even if they had to use creativity and, through codes and metaphors, transmit their ideas and opinions to the public. This work uses the songs written by singers of the time as Chico Buarque, Gilberto Gil, Caetano Veloso, etc. in order to make an analysis of the "secret" messages present in his works. Our theoretical framework includes the writings of Goulart (2013), Ferrari (2009), Garcia (1982),

¹ Licencianda em História pela Universidade Federal do Acre (UFAC). Bolsista Voluntária no projeto Grupo Coral Ufac. Bolsista Voluntária do Programa Institucional de Residência Pedagógica. Atuo no grupo de pesquisa "O Processo de Construção do Docente em História: possibilidades e desafios da formação inicial e da formação continuada de fazer-se historiador em sala de aula, na linha de pesquisa "Estágio Supervisionado do Ensino de História". E-mail: cyndynathana@gmail.com

² Licenciando em História pela Universidade Federal do Acre (UFAC). E-mail: elcioaraujoac@gmail.com

³ Licencianda em História pela Universidade Federal do Acre (UFAC). E-mail: wydemairomsilva@gmail.com

among others authors who have as object of study the songs as a form of expression and manifestation against the military dictatorship in Brazil.

KEYWORDS: Music; Dictatorship; Brazil.

1 A MÚSICA COMO EXPRESSÃO E MANIFESTAÇÃO

A música tem sido, ao longo da história humana, o mais complexo e profundo modo de expressão artística. “O efeito da música é muito mais poderoso e penetrante que o das outras artes, pois estas falam das aparências, ao passo que a música fala da essência” (FISCHER, 1983).

A música tem a capacidade de despertar uma variedade de emoções nas pessoas. Pode-se argumentar, que, além de sentimentos, a música pode despertar a consciência política de diversos grupos, que passam a tentar compreender o meio em que vivem, o que em algumas situações podem acabar gerando movimentos sociais, que buscam como objetivos uma maior liberdade de expressão e uma melhor qualidade de vida na sociedade. A música não pode ser dissociada do contexto e do tempo histórico ao qual está inserida, pois esta acaba por expressar as questões políticas, sociais, culturais e econômicas daquele momento. Nesse sentido, a linguagem musical é um poderoso instrumento para transmitir ideias e opiniões.

Mais do que qualquer outra manifestação humana, a música contém e expressa os sons, que se inserem num determinado tempo histórico e são influenciados diretamente pelo meio social de onde emergem. Talvez por essa razão ela está sempre fugindo a qualquer rótulo ou definição, pois ao se tentar defini-la, a música já se modificou, a própria expressão ou audição musical difere de um indivíduo para outro, depende necessariamente do estado emocional daquele que a expressa, bem como daquele ou daqueles que a ouvem (LOUREIRO, 2009, p. 79).

A partir desse conceito podemos entender a importância das manifestações artísticas, principalmente a música, no período do regime militar no Brasil. Esta funcionou não somente como uma forma de expressão, mas também como um instrumento poderoso para permitir àquela geração criticar e se manifestar contra a ideologia imposta à sociedade brasileira naquele período.

2 O GOLPE MILITAR E O GOLPE À LIBERDADE DE EXPRESSÃO

Com o Golpe Militar em 31 março de 1964, foi deposto o então presidente João Goulart (1961 a 1964) que havia sido eleito de forma democrática como vice-presidente de Jânio

Quadros. Com o mundo pós-guerra dividido em dois blocos, capitalismo e socialismo, os Estados Unidos se aproximaram da América Latina. As pessoas ligadas à esquerda passaram a ser vistas de forma negativa, e a ditadura militar acabou sendo implantada como forma de governo em alguns países, como Uruguai, Chile e Argentina. Sob o argumento de se evitar um governo totalitário comunista, os golpistas depuseram Goulart que, para evitar uma guerra, se exilou no Uruguai. O Brasil, desde então, entrou em um regime ditatorial que ficou conhecido como a Ditadura Civil Militar, que perdurou por vinte e um anos. Não houve uma guerra civil, mas existia muita violência: os protestos acabavam em prisões, exílios e assassinatos. Quem não concordava com o novo regime era considerado subversivo.

Mas foi no governo de Costa e Silva (1967 e 1969), conhecido como “linha dura”, que foi criado o Ato Institucional nº 5 (AI 5). Este ato ordenava a apreensão de livros, jornais e revistas e impedia qualquer manifestação nas ruas. Além disso, autorizava o presidente da República, em caráter excepcional e, portanto, sem apreciação judicial, a decretar o recesso do Congresso Nacional, intervir nos estados e municípios, cassar mandatos parlamentares, suspender, por dez anos, os direitos políticos de qualquer cidadão, decretar o confisco de bens considerados ilícitos, e suspender a garantia do habeas-corpus e outros. A produção cultural no Brasil foi duramente atingida pela Ditadura Militar, exigindo assim, criatividade e coragem dos artistas para burlarem a censura e expressarem opiniões e críticas a forma de governo atuante naquele momento. Segundo Garcia (1982), a censura atuou fortemente no controle ideológico e na propaganda. “Todos os assuntos, temas e dúvidas em relação às afirmações da propaganda oficial tinham sua divulgação proibida” (GARCIA, 1982, p. 91).

Assim, a censura foi uma das mais fortes armas utilizadas no regime militar para calar os seus opositores e impedir que qualquer tipo de mensagem contrária a ditadura fosse amplamente divulgado. Os responsáveis pela repressão examinavam os trabalhos artísticos e informativos, com bases em critérios morais e políticos, e então conforme a conveniência, estes eram liberados ou não para o público em geral. Foram muitas músicas censuradas durante o período do regime militar, muitos artistas tiveram que usar códigos, figuras de linguagem e outras estratégias para colocar nas canções suas ideias e opiniões sobre a ditadura e disseminá-las entre o povo.

Mesmo com a utilização de todos estes recursos estilísticos, a situação da música brasileira nos anos 1970 e 1980 foi complexa. Diversos artistas estavam morando fora do país, em exílios voluntários ou forçados. Os compositores viram-se pressionados pelo aparelho repressivo do regime autoritário, e a grande maioria, mais diretamente, pela censura (CAROCHA, 2006, p. 194).

São diversos os exemplos que podemos citar, como o cantor Raul Seixas. Dentre as várias músicas produzidas e cantadas por este, *Mosca na Sopa* chama a atenção, pois em sentido figurativo a mosca simboliza os que são contrários ao regime militar. Um trecho da letra diz: “(...) não adianta vir me dedetizar pois nem o DDT pode assim me exterminar. Porque cê mata uma e vem outra em meu lugar”⁴. Essa passagem significa a resistência e a continuidade da luta, embora sob violenta repreensão, dos opositores ao regime autoritário. O cantor Sérgio Ricardo foi outro artista bastante censurado por suas músicas:

Comunico a Vossa Excelência que nesta data estou encaminhando ofício ao senhor Delegado Regional de São Paulo, solicitando providências no sentido que o compositor Sérgio Ricardo seja fichado no D.O.P.S (Departamento de Ordem e Política e Social) face as suas atividades subversivas, ao compor músicas com mensagem contrária aos interesses nacionais. Junto ao presente encaminhamento das letras musicais deste compositor vetadas pela censura. (Série “Correspondência oficial”, Subsérie “Informações sigilosas”, ofício n. 393/68, de 16 de outubro de 1968. Caixa 4).

“Chico Buarque teve por volta de 40 músicas vetadas, metade das quais por causa de alusões a questões políticas” como nos diz Werneck em uma análise sobre o cantor, o que nos leva a entender que a censura tinha como objetivo maior os interesses próprios da ditadura civil militar em nosso país:

Embora a censura musical nunca tenha tido o objetivo de “extirpar fisicamente o câncer do comunismo”, suas tentativas foram no sentido de eliminar a simples menção em letras de músicas da existência de algo que não era do interesse do regime e ao mesmo tempo extrair também das letras a propagação de novos costumes que também não atendiam aos seus interesses, mantendo com isso uma visão de mundo própria e de acordo com os ditames dos militares (CAROCHA, 2006, p. 210).

Segundo dados coletados em livros e artigos no ano de 1980, quando o regime militar mostrou os seus primeiros traços de crise, a censura à música continuou forte, mesmo com o fim do período ditatorial. Somente em 1988, com a promulgação da nova Constituição Brasileira, é que o órgão DCDP (Divisão de Censura de Diversões Públicas) foi extinto. Estima-se que, no ano de 1973 foram censuradas 159 músicas, já em 1976 foram 198 letras e, em 1980, 458 músicas foram censuradas⁵.

⁴ Fragmento da canção *Mosca na Sopa*, composta e gravada por Raul Seixas em 1973.

⁵ Informação da DCDP de 10 de julho de 1980. Série “Correspondência oficial”, subsérie “Informações sigilosas”. Caixa 1.

2.1 – Os Festivais de Música

A insatisfação da população só crescia pois esta não tinha o direito de expressar as suas opiniões. Neste momento os festivais de música puderam impulsionar a produção cultural durante o regime militar:

Diante de um cenário de militância política, surgem os festivais de música popular brasileira, daí por diante a MPB se projeta nacionalmente criando estruturas para se apresentar em grandes espaços públicos, tendo uma temática ligada diretamente à situação política do país. (FERRARI; PEREIRA, 2009, p. 18)

As músicas cada vez mais expressavam a opinião do povo, as letras passaram a ser suas vozes ecoando nas rádios, nos televisores e principalmente nos festivais que batiam recordes de audiência e público.

A era dos Festivais é marcada principalmente por uma intensa produção Artística no campo musical, e por uma resistência forte da MPB com sua música de protesto; toda a discussão de luta social e política, a partir deste momento, é canalizada para a música de forma arrebatadora (FERRARI; PEREIRA, 2009, p. 19).

Dentre os muitos festivais que ocorreram podemos destacar um que se tornou um marco dos concursos de canções: o III Festival da Música Popular Brasileira da TV Record, ocorrido em setembro e outubro de 1967. A plateia se dividia em torcidas e se manifestava por meio de aplausos ou estridentes vaias, elegendo ou reprovando os artistas. Essa escolha era feita de acordo com seus gostos musicais ou, notadamente, preferências políticas. Vale destacar que o público desses eventos era na grande maioria, uma juventude de classe média, universitária, politizada, que estava em sintonia com os acontecimentos políticos do país naquele momento.

Esses festivais trouxeram mensagens políticas grandiosas e deixaram marcado na história da Ditadura a repulsa de músicos, população civil e os mais complexos setores de uma sociedade pressionada. Pois, o impacto marcado pelo acirramento de conflitos entre opressores e opositoristas já não acontecia apenas nas sociedades periféricas, e sim, numa repleta e variada nação e seus diversos integrantes (FERRARI; PEREIRA, 2009, p. 26).

2.2 – O Movimento Tropicalista

O tropicalismo foi um movimento que surgiu no ano de 1967 em plena ditadura civil-militar. Liderado por Caetano Veloso e Gilberto Gil, dentre outros, trouxe uma grande polêmica

entre a música tradicional brasileira da época, como a bossa nova, e as músicas importadas inglesas e americanas. Os tropicalistas apregoavam que o mais rico valor brasileiro não era reproduzir uma tradição do nosso passado como sempre foi, mas a capacidade de incorporar elementos de diversas culturas, misturando e transformando, enriquecendo a cultura nacional. A ideia era fazer música sob a influência de vários estilos como o samba, rock, jazz, erudito, baião e outros. Não copiando, mas criando algo tipicamente brasileiro.

Além de romper com a música tradicional já existente no país, eles construíram uma nova forma de se vestir, de se comportar, de pensar, além de transmitirem as suas críticas, ideias e concepções. Claro que disfarçadamente, devido a censura, atingindo a estrutura de poder existente. O movimento tropicalista passou a ser uma representação do povo brasileiro, sendo divulgado como uma ruptura importante e conscientizadora. O tropicalismo foi crescendo e se espalhando de forma muito rápida através da mídia, principalmente durante os festivais de música. Apesar de serem ouvidos, eles não eram entendidos por muitos, o que chamou a atenção de muita gente, inclusive dos que eram a favor da ditadura civil-militar e de muitos que ainda tinham um pensamento tradicionalista.

Ao tentar criar um movimento de massa, os tropicalistas desagradaram boa parte da imprensa e dos intelectuais do Brasil, bem como alguns músicos da época. O uso de guitarras elétricas, instrumento musical típico do rock n' roll norte-americano, e a própria ruptura que sugeria a estética tropicalista geraram certo desconforto. Segundo o músico Tom Zé, foi necessário encontrar um público que estivesse perdido entre a direita e a esquerda, durante a ditadura militar brasileira, para receber a Tropicália (GOULART, et al. 2013, p. 5).

O governo militar, obviamente, não ficou observando sem fazer nada, afinal este movimento ganhou popularidade entre o povo. Logo os músicos se tornaram alvos constantes da censura, sob a ótica de serem um movimento “contracultural”, ameaçadores da moral e dos bons costumes, surgindo aí um período bastante conturbado de instabilidade e conflitos. É neste momento que o governo lança o Ato Institucional nº 5:

No dia 13 de dezembro de 1968, um golpe interno no governo militar lançou o Ato Institucional n.5, suspendendo o habeas-corpus, dando poderes à polícia de invadir domicílios, enfim, instaurando um regime policial truculento que fez, em retrospecto, os primeiros quatro anos que passáramos sob os militares parecerem razoáveis e amenos. Eu estivera em Salvador por uns dias e viajei para São Paulo exatamente no dia 13. Ao chegar em casa fiquei sabendo do que ocorrera. Não medi a extensão e a profundidade das mudanças anunciadas pelos noticiários da TV. Claro que a linha dura tomara o poder. Mas nós justamente éramos vistos com hostilidade pelas esquerdas mais barulhentas (VELOSO, 2012, p. 336).

O movimento tropicalista teve o seu fim no ano de 1968 com a prisão e exílio de Caetano Veloso e Gilberto Gil. Os músicos passaram dois meses em uma prisão no Rio de Janeiro e mais quatro meses confinados em uma casa em Salvador. Logo depois foram exilados por dois anos em Londres.

Durante o seu interrogatório, Veloso afirma que o oficial dizia entender claramente que o que eles faziam era muito mais perigoso do que o que faziam os artistas de protesto explícito e engajamento ostensivo (p. 393), o que comprova a eficácia das estratégias de protesto adotadas por eles. Já na Europa, em um show em Portugal, Caetano afirma que a Tropicália havia acabado. Apesar de ter inspirado outros cantores a seguir o mesmo caminho que o deles, o exílio marcava uma interrupção na continuidade do trabalho, não havendo qualquer sentido conservar por mais tempo aquela estética. No primeiro e único episódio do programa de TV Divino, Maravilhoso, um enterro simbólico do tropicalismo é encenado por Gil, Capinan e Torquato Neto (GOULART, et al. 2013, p. 12).

3 ANÁLISE DE MÚSICAS DE RESISTÊNCIA À DITADURA MILITAR

Como dito anteriormente, os artistas, durante o período ditatorial, tiveram que apresentar muita criatividade e esperteza. Suas músicas não podiam insinuar de forma direta os pensamentos de liberdade e críticas ao sistema de poder vigente daquela época. A censura estava atenta a todas as formas de expressão que se colocavam contra o regime. Para tal, os artistas tiveram que adotar códigos, figuras de linguagem, jogo de palavras, metáforas e outros, para poderem transmitir através da música suas ideologias. A seguir vamos realizar uma breve análise de algumas músicas importantes para este movimento, e os significados que cada uma carrega, de forma implícita ou subliminar, em suas letras e melodias. As músicas foram escolhidas por serem as mais conhecidas e cantadas até os dias de hoje, com letras que retratam a situação política do momento, mas também por terem reflexos na atualidade, mostrando um país com raízes do século passado.

a) *Cálice*, de Chico Buarque e Gilberto Gil

Escrita no ano de 1973, *Cálice* só foi lançada em 1978, e se tornou um marco na luta contra a ditadura civil-militar. A letra se baseia em uma passagem bíblica em que retrata o intenso sofrimento de Jesus Cristo na noite em que foi traído, o comparando ao sofrimento do povo brasileiro durante o período ditatorial. Há também uma similaridade muito grande entre as palavras “cálice” e “cale-se”, representando a opressão e o não direito a expressão contra o regime militar.

b) *Alegria, Alegria.* de Caetano Veloso

Apresentada em 1967 no festival de música da TV Record, foi também um símbolo para o movimento tropicalista. O verso “caminhando contra o vento” simbolizava a luta e a resistência da população contra o regime ditatorial. Também representava a juventude da época que se sentia oprimida e presa, com a ânsia de liberdade e fuga, mas sem saber como fazer e para onde ir.

c) *Pra não dizer que não falei das flores,* de Geraldo Vandré

A música ficou em segundo lugar no Festival Internacional da Canção (FIC) de 1968 e se tornou uma bandeira nas manifestações e protestos realizados pelo povo. A letra é um chamado para a “união e a ação coletiva”. Entende-se também que a inércia não iria levar a lugar nenhum, e que todos que tinham a consciência da opressão deveriam agir.

d) *O bêbado e o equilibrista,* de Elis Regina

A música se tornou um hino nos manifestos do retorno dos exilados para o Brasil. Em sua letra, ao descrever um bêbado “trajando luto”, apresenta a “confusão e tristeza” do povo brasileiro, com as perseguições, prisões, mortes e torturas. O “equilibrista” representa o povo e os artistas, que apesar do sofrimento, deveriam continuar de pé lutando e resistindo às represálias.

e) *Aquele abraço,* de Gilberto Gil

A letra da música representa uma despedida, pois neste momento, Gilberto Gil estava sendo exilado em Londres, mas sabia que brevemente voltaria para o Brasil. Ele se coloca como dono de sua vida, “caminho pelo mundo” do jeito que ele quer. Representando a liberdade, tão sonhada no regime militar.

f) *É proibido proibir,* de Caetano Veloso

Composta no ano de 1968, mesmo ano do AI-5 que trazia sérias restrições aos direitos dos cidadãos brasileiros. Em 1969, Caetano canta esta música no 3º Festival Internacional da Canção, onde é vaiado e então faz um discurso dizendo que o público “não estava entendendo nada”.

g) *Que país é esse?* de Renato Russo (Legião Urbana)

A música foi composta em 1978, mas só lançada quase uma década depois. Renato Russo acreditava que algum tempo depois as coisas mudariam, mas se surpreendeu ao ver que depois de uma década as coisas continuavam iguais. Apesar do poder não estar mais nas mãos dos militares, no ano de 1987 o país atravessava uma crise de impunidades, falta de respeito e corrupção. Além de ainda não existirem eleições diretas, houve também a instauração de medidas econômicas que fracassaram e trouxeram ainda mais crises naquele período. A letra da música tece uma dura crítica ao sistema político-econômico brasileiro que ignorava totalmente as mazelas sociais do seu povo e focava em interesses financeiros.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estas e muitas outras canções se tornaram um símbolo importante na luta pela liberdade de pensamento e expressão. A ditadura civil-militar, trouxe uma série de proibições, principalmente com o Ato Institucional nº 5, que tirou a liberdade e direitos do povo brasileiro. Oprimidos, perseguidos, torturados, exilados e mortos, muitos buscaram na manifestação musical uma válvula de escape para expor suas ideias e concepções. Utilizaram esta manifestação artística também para difundir, motivar e apoiar as lutas na derrubada de um sistema de poder que manchou a história de nosso país.

Nos dias atuais a questão sobre a ditadura militar mais uma vez foi levantada: de um lado aqueles que a defendem e exaltam “pontos positivos” daquele período e de outro, os que querem deixá-la nos relatos históricos do passado, como algo que trouxe graves consequências a vidas humanas. Mas percebemos pela conjuntura atual, que mais uma vez, esta geração precisa se expressar e se manifestar, pois a história parece se repetir, no contexto de termos direitos adquiridos sendo ameaçados e uma política econômica voltada para as elites. A questão é: quem serão os novos protagonistas e quais serão os meios usados para a expressão e manifestação da sociedade brasileira? O que sabemos é que muitas músicas do período ditatorial, até hoje, servem de inspiração para continuarmos as lutas para alcançar uma sociedade mais justa e igualitária.

REFERÊNCIAS

CAROCHA, Maika Lois. **A Censura Musical durante o regime militar (1964-1985)**. Curitiba, n. 44, p. 189-211: UFPR 2006.

FERRARI, Julio César; PEREIRA, Rafael Caluz. **A INFLUÊNCIA MUSICAL DURANTE A DITADURA MILITAR Uma analogia musical nas transformações sociais**. São Paulo:

UNISALESIANO, 2009.

FISCHER, Ernst. **A Necessidade da Arte**. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

GARCIA, N. **O Estado Novo: Ideologia e Propaganda Política**. São Paulo: Edições Loyola, 1982.

GOULART, Ana Paula; et al. **Tropicália: a contracultura na Música Popular Brasileira**. In: 9º Encontro Nacional de História da Mídia UFOP. Minas Gerais: 2013, p. 1-13.

Informação da DCDP de 10 de julho de 1980. Série “Correspondência oficial”, subsérie “Informações sigilosas”. Caixa 1.

LOUREIRO, Vivian Maria Rodrigues. **“Música para os ouvidos, fé para a alma, transformação para a vida”**: música, fé e construção de novas identidades na prisão. 2009. 167f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

Marcello, Carolina. **17 Músicas famosas sobre a ditadura militar no Brasil**. Disponível em: <https://www.culturagenial.com/musicas-famosas-ditadura-militar-brasileira/>. Acesso em: 11 maio. 2019.

SEIXAS, Raul (compositor). “Eu sou a mosca”. In: Krig-há, Bandolo! (LP). Raul Seixas. Rio de Janeiro: Philips (6349078), 1973.

Série “Correspondência oficial”, Subsérie “Informações sigilosas”, ofício n. 393/68, de 16 de outubro de 1968. Caixa 4.

VELOSO, Caetano. **Verdade Tropical**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2012.

WERNECK, Humberto. **Chico Buarque: letra e música**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. v. 1. p. 137 et seq.

Data de submissão: 14/08/2019

Data de aprovação: 24/04/2021